



## **História natural de uma rua na visão dos seus moradores: emoções, memória e lugares**

### ***Natural history of a street in the eyes of its residents: emotions, memory and places***

Mauro Guilherme Pinheiro Koury<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este artigo apresenta etnografia de uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa, através da memória dos seus moradores. Procura mostrar como as narrativas dos moradores remontam a conformação de uma cultura emotiva e o seu arcabouço moral unidos na trama pessoal e coletiva das trajetórias que uniram homens e mulheres em um lugar, no interior de uma história natural de solidariedade e compromissos afetivos vividos por eles. Busca compreender igualmente as bases desta construção solidária, e a preocupação destes pioneiros em repassar este nós construído e experimentado como conhecimento emocional e moral aos seus descendentes. O que faz emergir, no cotidiano fazer-se da rua e dos seus moradores, um plano comum de ações e códigos de conduta para si próprios e para as novas gerações, transformando a rua em uma comunidade de afetos.*

**Palavras-chave:** *etnografia de uma rua, cultura emotiva, memória, lugar, comunidade de afetos, história natural.*

**Abstract:** *This article presents ethnography of a street in a popular neighborhood of the city of João Pessoa, through the memory of its residents. It tries to show how the narratives of the residents trace the conformation of an emotional culture and its moral framework anointed in the personal and collective plot of the trajectories that united men and women in a place, within a natural history of solidarity and affective commitments lived by them. It also seeks to understand the bases of this solidarity building, and the concern of these pioneers to pass on these knots built and experienced as emotional and moral knowledge to their descendants. Giving rise thus in everyday life make up the street and its residents, a common plan of action and codes of conduct for themselves and for future generations, transforming the street into a caring community.*

**Keywords:** *ethnography of a street, emotional culture, memory, place, caring community, natural history.*

## **Introdução**

Este artigo etnografa uma rua de um bairro popular da cidade de João Pessoa através da memória dos seus moradores (BOSI, 1994). Trata especificamente de recriar,

<sup>1</sup>Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções da mesma universidade. E-mail: maurokoury@gmail.com



através de suas narrativas, o processo de chegada e ocupação de um espaço onde construíram uma trajetória de vida em comum e um lugar de pertença.

A rua, aqui denominada Rua X, hoje já não existe, a última casa foi adquirida em 2017 e logo depois destruída pela construtora que comprou os demais terrenos. A Rua X se localizava quase às margens do Rio Jaguaribe, no seu lado sudeste, nos limites do bairro da Torre, na cidade de João Pessoa, Paraíba. É uma rua com uma história natural<sup>2</sup> pungente e sobre a qual os seus moradores construíram um fluxo e direção de si próprios associados a um lugar de pertencimento, a Rua X.

Esta rua reflete o envolvimento da primeira geração de moradores que ocupou um terreno na Mata do Buraquinho e próximo às margens do Rio Jaguaribe, nos anos de 1940 e lá construíram suas moradias. Ela exemplifica, em seus relatos, suas trajetórias de sofrimento, lutas, conquistas, partilhamento, solidariedade e amizade, conformando um processo social singular de conformação de uma cultura emotiva que envolve os seus membros em torno do que eles identificam como uma comunidade de afetos. Processo experiencial este vivido e burilado constantemente pela primeira geração que ocupou um espaço na Mata do Buraquinho, nos terrenos desconsiderados pela especulação imobiliária e pelos empreendedores morais e seus projetos e ações projetivas, na época, para a cidade de João Pessoa e sua expansão, e a transformou em um lugar de pertença.

Este artigo, assim, procura entender as narrativas de compartilhamento e pertencimento que dão forma a esta comunidade de afetos, através da perspectiva da antropologia das emoções (COELHO & REZENDE, 2011; KOURY, 2009; 2014). Tenta mostrar, na narrativa dos seus moradores, principalmente os de primeira geração, aqui chamados de pioneiros, como eles remontam a conformação da cultura emotiva e o seu arcabouço moral unidos na trama pessoal e coletiva das trajetórias que uniram homens e mulheres em um lugar, no interior de uma história natural de solidariedade e compromissos afetivos vividos por eles. Do mesmo modo que busca compreender as bases desta construção solidária, e a preocupação destes pioneiros em repassar este nós construído e experi-

---

<sup>2</sup>Por história natural se entende aqui a trajetória retrospectiva de desenvolvimento e maturação de um acontecimento, na sequência de seus fatos e ações, ou em sua carreira moral, como um evento socialmente situado, quando narrado ou quando buscado ser explicado ou compreendido pelos personagens que o acompanharam de modo direto ou indireto. Assim como, nas ações projetivas e construções de cenários sobre o futuro (PARK, 2017; HUGHES, 1984; KATZ, 2017).



mentado como conhecimento emocional e moral aos seus descendentes. Erguendo no cotidiano fazer-se da rua e dos seus moradores um plano comum de ações e códigos de conduta para si próprios e as novas gerações.

É um relato de um experimento de vida que durou um pouco mais de setenta anos, desde a chegada desses homens e mulheres à Mata do Buraquinho, a construção de suas casas, até a venda da última residência no ano de 2017 e a dispersão dos seus moradores permanentes por outros vários bairros da cidade de João Pessoa, incluindo os quatro últimos remanescentes da primeira geração. A Rua X hoje não existe mais, a não ser na memória dos seus moradores, construtores e organizadores do que chamam de comunidade de afetos.

É sobre a rememoração desta entrada na Mata do Buraquinho e da construção da Rua X que esse artigo trata. Apenas. O processo de construção moral desta comunidade nas gerações seguintes, de filhos e netos, não será trabalhado aqui. Assim como não serão objetos de análise as tensões resultantes na manutenção de uma rua de intensa personalidade como a Rua X, nem as interações conturbadas com os moradores de grande circulação da Vila Sem Nome que, apesar de pertencerem fisicamente à Rua X, não são considerados e nem se consideram membros da comunidade de afetos local. Esta última composta pelos moradores pioneiros e os das gerações seguintes de filhos e netos, que continuaram a viver na rua em puxadinhos, ou nos cômodos internos das residências dos pais e avós<sup>3</sup>.

## 1. A gente sempre foi de uma junção só

Uma conversa na oficina de conserto de sapatos de Seu José introduz aqui o argumento de união e de bem-querer deste nucleamento humano de forte sedimentação intersubjetiva (BERGER & LUCKMANN, 1985, p. 95) que conforma a história natural desta pequena rua em uma comunidade de afetos. Rua de parceiros de laços estreitos e presentes desde a ocupação daquele “pedaço de chão”, isto é, das trocas simbólicas de bens e sentidos, e de ajuda mútua, que foi se solidificando no cotidiano interacional desses homens e mulheres, bem como no processo de socialização dos seus filhos e

<sup>3</sup>Este processo e as relações tensas nele vividas podem ser visto em Koury (2018).



nas praticas de auxílio aos próximos “mais necessitados” locais<sup>4</sup>

Este item tem seu título retirado de uma conversa com Seu José, em 2008, em sua pequena loja de conserto de sapatos, em um “pé de porta”, na parte central do bairro da Torre. Nesta conversa ele relata o momento do encontro dele e de sua mulher com os demais outros homens e mulheres que juntos ergueriam a comunidade de afetos no lugar escolhidos para viver e morar, de onde construíram suas casas e caminharam unidos em trajetórias comuns e singulares a cada um que compunha a história natural do lugar.

De acordo com a sua narrativa, em um meio de tarde e já chegando à noite, homens e mulheres, casais e solteiros, aportaram na cidade de João Pessoa. Essas pessoas vindas de várias cidades do interior do Estado expulsas do meio rural, por intempéries, por modernização da agroindústria rural ou para encontrar melhores condições de vida na capital da Paraíba, em processo amplo de modernização. Ao aportarem na cidade desconhecida encontravam-se como que perdidos e com medo da aventura começada e se descobriam confusos por onde começar, para onde ir, o que fazer.

Segundo o relato de Seu José,

A<sup>5</sup> gente se conheceu, tempos atrás, um com olho compenetrado sem saber que rumo tomar e assustado com o que podia acontecer com a gente e as mulheres e uns filhos poucos que alguns já tinham. Muitas mulheres da gente estavam buchudas (grávidas), umas quase parindo... e a gente tudo olhando pra dentro da gente mesmo com a pergunta que a gente não fazia pra fora, mas que martelava a cabeça da gente... e agora!?...

O receio do desconhecido, embora ansiado e, em muitos casos, obrigados em que se encontravam, pelo sentimento de impossibilidade de continuarem nos seus antigos lugares de pertença em que nasceram, foram criados e iniciaram a vida adulta, pesava de uma forma quase sufocante no interior de cada um, “a gente tudo olhando pra dentro da gente mesmo”, com os olhos de um lado para outro, vendo a situação de suas mulheres e filhos arrastados nesse desvario aventureiro, com receio de expressar uma “pergunta que a gente não fazia pra fora, mais que martelava a cabeça da gente, e agora!?”.

Não que tivesse medo da aventura, se estivesse sozinho, muitos afirmaram, quem

<sup>4</sup>Referido pelos moradores permanentes que perfazem a comunidade de afetos, aos moradores da Vila Sem Nome que alugavam, por curta temporada, as “casinhas” da vila na entrada da rua.

<sup>5</sup>Neste artigo o português das narrações foi corrigido garantindo, porém, a estrutura narrativa do interlocutor. Apenas palavras êmicas serão conservadas e, se necessário, anunciadas em rodapé o seu sentido aproximado.



sabe fosse diferente, mas agora, como casal e, em muitos casos, já com filhos, ou quase parindo “a coisa se tornava cheia de receios pelos compromissos além de eu”. O medo de não conseguir encontrar um lugar, um emprego, dificultado ainda mais pelo desconhecimento da cidade, de não ter amigos e parentes a quem recorrer, girava a cabeça de todos, homens e mulheres, em um verdadeiro turbilhão de temores. Turbilhão solitário, diga-se de passagem, preenchido que estava pelo receio de ser exposto para o outro, parceiro ou parceira da relação, e com vergonha de ter arrastado o outro em uma aventura fadada ao fracasso<sup>6</sup>, até porque vinda de “supetão”, como me disse Dona Antônia em 2010. Isto é, sem projeto algum a não ser o “ter que sair daqui, aqui já não dá pra gente sobreviver”, como ela lembra ter insistido junto ao seu marido que queria ainda tentar permanecer no sítio do pai dele que estava quase que tomado pelo fazendeiro local.

Ela conta a dificuldade de olhar para o marido quando, na calçada da estação de trem, foi tomada pelo desespero de ter cometido um erro de avaliação e ter de volta um olhar intimidativo do marido, que ela sentia que o “tinha arrastado” em uma aventura fantasiosa. Uma narrativa próxima é contada por cada um dos homens e mulheres isolados ou como casais que serviram de interlocutores nos diversos momentos da pesquisa<sup>7</sup>, e que fizeram parte do nucleamento básico construtor da Rua X e de sua comunidade de afetos.

Parados em frente da estação ferroviária, viam as horas passarem e a noite quase chegar. Com um olhar fugidivo do olhar do companheiro ou da companheira, de vergonha, remorso, ou culpa de os terem arrastado nesse “descaminho”, como expressou Seu Samuel em sua narrativa, em 2017, viviam um quase desespero de não ter o que dizer, de se encontrarem em uma situação sem saída. O mesmo olhar fugidivo, do companheiro ou da companheira vagava em volta e enxergava outros tantos com as mesmas expressões assustadas e temerosas de exprimi-las em palavras para o seu próximo, mulher ou marido. Viam também “uma ruma” de crianças, algumas brincando, algumas chorando, algumas se acomodando entre “as tralhas de cada qual”, vendo a barriga “a roncar”, contando na cabeça os trocados que dispunham, e o que sobrava dos alimentos que

<sup>6</sup>Uma excelente discussão sobre o fracasso pode ser encontrada em Sennett (2000).

<sup>7</sup>Estive em campo entre os anos de 2000 a 2005, 2007 a 2012 e final de 2016 e início de 2018.



trouxeram na viagem.

De um lado, o enxergar os outros tantos tão perdidos como eles, ainda mais, aumentava o sentimento de vergonha de terem insistido com o outro relacional nessa “largada” fadada ao fracasso. Do outro lado, a “barriga a roncar” e o ver crianças cansadas e com fome em torno e pessoas desconhecidas que se encontravam tão temerosas quanto eles próprios, motivou um sentimento de compartilhamento que levou uns ao encontro dos outros, enquanto pessoas e enquanto casais.

Como disse Seu José em sua narrativa,

Daí, num sem como um se aproximou do outro.... Talvez o café oferecido por uma mulher da gente a uns por perto.... Talvez o agasalho emprestado a uma ou duas crianças.... Talvez o instinto da gente de sempre ter que conversar pra afastar os augúrios...

“Um se aproximou do outro”, contudo. Seja pelo café oferecido, pelo agasalho emprestado, ou pela necessidade humana de conversar “pra afastar os augúrios” e os receios que cada qual estava se debatendo em seu íntimo.

Simmel fala desse momento que arrasta um indivíduo ao outro e onde exercitam trocas passageiras ou que podem se encaminhar para relações duradouras de sociação. Sociação, para Simmel (1908), é uma noção que descreve a descoberta e o lançar-se ao outro em um encontro possível qualquer, e em uma dimensão também ampla, que vai de uma simples intenção de curiosidade, a de compartilhamento ou solidariedade, ou de tensão e conflito.

Uma ida emocional que leva os indivíduos aos outros e, segundo o Seu José, o que a impulsiona “talvez seja o instinto da gente sempre ter que conversar pra afastar os augúrios”, ou trocar informações, ou querer se situar, ou ajudar, ou tensionar o outro por um motivo qualquer que levou um indivíduo a interpretar de forma apreensiva ou preconceituosa um comportamento diferente emitido pelo outro interpelado agressivamente. As formas assumidas por esse impulso ao outro no momento seguinte do encontro conforma o tamanho e a intensidade da relação em uma temporalidade e a uma vinculação a um espaço por onde pode ou não se expandir. O que conforma uma cultura emotiva que se concluiu em si mesma, ou em outra que prossegue em configurações diversas e na emergência de uma moralidade tecida no processo da continuidade desta relação,



tornando-se assim, social.

É o que Seu José descreve como uma dimensão nova que emerge na vida dessas pessoas expostas e paralisadas em uma calçada de uma estação ferroviária. Pessoas estas desembarcadas de vários caminhos para um mesmo destino, João Pessoa, mas sem saber para onde seguir e se vasculhando interiormente sobre a aventura e seu cheiro de fracasso e o envolvimento do outro relacional em um projeto desorganizado e sem possibilidade de sucesso, “de vencer a cidade grande”. E a vergonha de tê-lo exposto a isso.

“Sei lá...”, diz ele. “Só sei que de repente tava todos nós amontado, e papo e papo a rolar... Aí, sei não, mas acho que a gente ficou forte de novo... Já começamos a cavar o amanhã pra nós...”. Essa dimensão nova proporcionada pelo encontro com outros relacionais na mesma situação, no caso, de acordo com a descrição do Seu José, abriu fronteiras. A sua expressão desse “de repente” demonstra assim o prazer dessa ida ao outro e da esperança revelada nesse intercâmbio: “tava todos nós amontado, e papo e papo a rolar”. A esperança é demonstrada na força dos outros no encontro, advinda do “papo a rolar”.

Como disse o Seu José, “acho que de repente a gente ficou forte de novo”. Assim, já não se estava só em uma cidade desconhecida, agora se era um “amontado” com o mesmo sentimento de ganhar a cidade de João Pessoa, com a mesma insegurança do que fazer. Insegurança essa dissipada no “papo a rolar”, que provocou novas emoções de uma ida em conjunto para um amanhã agora possível; de um possível nós que fez “a gente [ficar] forte de novo” e já começar a pensar o amanhã “pra nós”, isto é, para o conjunto de famílias ali expostas em uma calçada e agora em processo de ajuntamento e adesão há um dia seguinte comum.

Seu José continua sua exposição afirmando que “de início, professor, foi logo uma amizade só... A gente sempre foi de uma junção só... Parecia que a gente já se conhecia de montão...”. O encontro solidário da partilha de café, alimentos e agasalhos e dos diversos caminhos ali cruzados, em suas palavras, encheu de novas expectativas os projetos de cada um que encontrou nos projetos dos outros também possibilidades comuns de continuidade. Deste modo, segundo ele, esse conjunto de homens, mulheres



e crianças se encheram de coragem e força e foram procurar meios de sair daquela calçada.

De repente, alguém do grupo falou que alguém tinha dito que na praça ao lado havia carroças que serviam de transporte e que seus donos possuíam informações sobre os rumos para seguirem, se acomodarem e prosseguirem seus caminhos de conquistas da cidade. “E aí, arranjamos umas carroças e aportamos por essas bandas...”, isto é, o local onde se ergueria a Rua X.

“E aí”, continua Seu José, “a gente nunca deixou de se gostar, uma amizade que só parente com parente tem, às vezes. Um sempre atento às necessidades dos outros, e também, todo mundo no seu canto...”. Essas afirmações do Seu José preenche em muito o que os moradores da Rua X chamam de comunidade de afetos.

Esta comunidade de afetos sentida como organizada por eles na trajetória de suas vidas em comum. Trajetória que começaram a tecer e seguir socialmente desde que iniciaram a conversar na estação ferroviária e seguiram adiante no atravessar a rua em direção a uma praça, conversarem com os homens que possuíam carroças de aluguel, alugar duas, encherem elas com suas “tralhas”, com as crianças e as mulheres, sobretudo as grávidas e seguirem a viagem até a margem esquerda do Rio Jaguaribe, onde todos foram deixados com suas bagagens. Continuou no ato de prosseguirem a pé pela margem do rio até um lugar onde pudessem descansar. Continuou no dia seguinte com a resolução conjunta de divisões de tarefas, indo, em pequenos grupos de homens, em várias direções para percorrer o local, adentrarem na mata e procurar um lugar para construírem a sua moradia e conseguir trabalhos para, juntos, se organizarem na cidade.

A comunidade de afetos para eles é constituída, assim, dessa amizade e desse gostar constantemente renovado no se estar “sempre atento à necessidade dos outros” . Mas é também esse saber respeitar a privacidade de cada um, expresso na afirmação de “todo mundo em seu canto”.

Uma relação difícil de fazer, mesmo porque o até onde vai o estar “atento às necessidades dos outros” e onde começa o canto de cada um se esbarram e ultrapassam limites a todo instante na lógica de intenso compartilhamento a que se acostumaram desde o início a seguir como base do laço social que os unia. Esse dilema constante e





continuamente enfrentado pela Rua X percorreu todos os setenta anos da sua comunidade de afetos.

Uma rua de vínculos estreitos e profundos entre os seus moradores, sobretudo os da primeira geração, onde desenvolveram uma personalidade intensa e uma forma singular de ver e sentir o mundo, de onde se espelhavam cotidianamente para prosseguir adiante. Deste modo, esta forma tecida de intenso compartilhamento era recheada de tensões. Tensões que complexificavam as relações na Rua X, nos frouxos limites deste estar junto e ser também um “em seu canto”, e no acomodar as fluídas dimensões entre o sempre estar atentos às necessidades dos outros, amigos e vizinhos e companheiros de jornada, e o não invadirem a intimidade de cada um.

A comunidade de afetos da Rua X, onde a amizade e a solidariedade dispunham as bases de sua organização, portanto, era uma comunidade de tensões. Para Seu José, esse longo processo, esse difuso fazer-se, foi sempre recheado de rugas, de discussões, de “querelas” e de fofocas, por ele chamado de “chamego das conversas”. Foi também pleno de pequenas, médias e grandes mágoas, muitas vezes caladas, surdas, mas amainadas pela disposição dos membros comunitários de “todo mundo [estar continuamente] atento [aos limites, e buscar] diminuir as querelas” quando estas ultrapassavam as fronteiras permitidas do outro. E, do mesmo modo, no saber pedir desculpas e procurar “achar engraçado o chamego das conversas... e o fulano disse... a fulana falou”

## 2. Apresentando a rua e seus moradores

A Rua X é uma rua tranquila, pequena e de entrada e saída pela várzea do Rio Jaguaribe. É constituída, no seu lado direito, por nove residências. No lado esquerdo, possui quatro casas e uma pequena vila<sup>8</sup> constituída por seis pequenas casas gemina-

<sup>8</sup>Esta pequena vila não será objeto de análise neste artigo que se restringe ao desempenho narrativo dos primeiros moradores da Rua X sobre a ocupação do lugar e à organização moral e afetiva de si mesmos como uma cultura emotiva que produziu um ethos específico de interrelação entre eles e o lugar. A vila, quando referenciada no decorrer do texto será chamada de Vila Sem Nome, é composta por seis casas geminadas cujas frentes das casas dão diretamente para a rua. São casas sem jardins e sem quintais. A vila fica no começo da Rua X, próxima à várzea do Rio Jaguaribe. As casas geminadas da Vila Sem Nome foram erguidas sobre uma pequena calçada comum, o “alpendre”, com dois degraus para acesso. No alpendre, de mais ou menos sessenta centímetros de largura, os moradores, nos fins de tarde, com o sol baixo, se sentam no chão para sentir o vento mais brando do entardecer e início da noite. Na



das, de um pequeno e único cômodo, para aluguel, erguida nos anos de 1960 no quintal de um morador residente na rua ao lado, cujo fundo dava para a Rua X.

Os terrenos das nove casas do lado direito da Rua X são relativamente profundos, e de propriedade dos próprios moradores. Possuem um pequeno jardim<sup>9</sup> na frente, e mangueiras e algumas jaqueiras ou pés de fruta-pão nos quintais. Todas elas possuem cercas e muros, separando as casas.

No lado esquerdo da Rua X, contudo, os terrenos das quatro casas, também de propriedade dos moradores, são mais compactos, e quase todo preenchido pelas “morada”, com pequeníssimos jardins e, algumas delas, acanhados quintais. Todas as casas possuem um pequeno amurado, de madeira ou tijolos.

Nas treze casas da Rua X todos se conhecem, se frequentam e se ajudam mutuamente. Formam uma comunidade solidária e afetiva. Quase todos os moradores lá estabelecidos chegaram ao local em meados da década de 1940, vindo expulsos das regiões do Brejo e do Sertão paraibanos. Desembarcaram na cidade de João Pessoa no ano de 1945, embora não precisem bem a data de chegada “lá pela meada dos anos quarenta”; “foi mais ou menos em 1945, acho” ou, “eu sei que estava com a barriga cheia, e logo depois, num passou um mês, acho, tive meu filho que num chegou a resistir, morreu horas depois. Acho que foi pela dureza da viagem e da chegada, muita emoção, seu moço, muita emoção...” (Dona Amália). Chego a esta conclusão através do relato de que no desembarque, algumas das esposas estavam grávidas, e o nascimento de alguns desses filhos ocorreram um pouco depois da chegada à Mata do Buraquinho, no ano de 1945. A maioria era de jovens, iniciando uma família, que chegaram ao local expulsos do campo e em busca das possibilidades possivelmente abertas de trabalho e

---

pequena Vila Sem Nome a maioria dos moradores é de inquilinos recentes, vindos também do interior para a capital. A vila possui uma rotatividade grande, o que dificulta a sua integração na comunidade de afetos da Rua X. O que motiva disputas entre os dois grupos de moradores, permanentes e temporários, e a existência de uma dissimulada hierarquização entre eles. As vilas foram comuns à paisagem do bairro da Torre entre as décadas de 1930 a 1960 e ainda fazem parte do cenário local, cedendo, porém, pouco a pouco, à especulação imobiliária (SILVA, 2000).

<sup>9</sup>Todos os jardins das residências da Rua X possuem um ou dois pés de ?buquê de noiva?, que dão flores coloridas, nas cores brancas e ou rosas, emoldurando e embelezando a rua e as residências. O buque de noiva é um pequeno arbusto com floragem o ano inteiro. As flores aparecem em cachos, tomando toda a copa do arbusto, no formato de um pequeno buquê. Por isso o nome popular local com que é conhecido.



vida na capital<sup>10</sup>.

Esses treze casais são os personagens centrais de uma longa trajetória de luta e manutenção de um ritmo e estilo de vida, de cuidados de si e dos outros companheiros, que chegaram de lugares diferentes do Estado da Paraíba e aportaram jovens e cheios de esperança e medos em uma calçada da estação ferroviária com suas “tralhas e coisas”. E que, “por um acaso de uma sorte”, na visão de uns, ou “por um ensejo de deus” , na opinião de outros, ou mesmo, “por a gente se sentir sozinho e cheio de medo numa cidade que a gente não conhecia e nem sabia pra onde ir ou o que fazer”, na apreciação de outros mais, os fez ficarem juntos, compactuarem os medos, as esperanças, a comida entre si, a busca de achar um lugar “pra gente ficar ou passar a noite” e, logo depois, o destino de caminharem juntos, em duas carroças, até às margens do Rio Jaguaribe, e seguirem da Estrada dos Macacos para dentro da Mata do Buraquinho, e lá, dia a dia, suor e lágrimas, construiram uma “camaradagem”, e um lugar para residirem e compartilharem juntos: a Rua X.

A “sorte”, o “ensejo de deus”, “o se sentirem sozinhos e cheios de medos”, ou outros motivos dados para sua união, juntou esses homens e mulheres em uma trajetória comum, e os fizeram construir uma sociedade entre eles, uma forma de vida interdependente, que os ajudaria “no suor e nas lágrimas” a “caminharem juntos”, a constituírem um núcleo de “camaradagem”, e a compartilharem, também juntos, de um lugar escolhido para morarem e criarem os seus filhos e, no futuro almejado, netos e bisnetos. De acordo com Simmel (1908, p. 4), a “sociedade existe onde vários indivíduos interagem”.

Esta interação surge sempre a partir de certos impulsos ou por causa de um propósito definido. Os impulsos [ao outro], os propósitos de defesa, ou ataque, de vicissitudes, de aquisição, de assistência, bem como de instrução e inúmeros outros possibilitam ao homem estar juntos, trabalhar uns para os outros, trabalharem juntos, [ou] atuarem uns contra os outros a entrarem em convivência mútua, isto é, de transferir efeitos sobre os demais homens e receber os efeitos deles em si. Essas interações significam que os portadores individuais desses impulsos e fins se tornaram uma unidade, se tornaram uma “sociedade”<sup>11</sup>.

<sup>10</sup>Ver o croqui da Rua X com a localização das casas e dos seus moradores, bem como da Vila Sem Nome.

<sup>11</sup>Tradução livre de: “...Gesellschaft aus dass sie da existiert, wo mehrere Individuen in Wechselwirkung treten. Diese Wechselwirkung entsteht immer aus bestimmten Trieben... heraus oder um bestimmter Zwecke willen. Triebe, Zwecke der Verteidigung wie des Angriffs, des Spieles wie des Erwerbes, der Hilfeleistung wie der Belehrung und unzählige andere bewirken es, dass der Mensch in ein Zusammensein, ein Füreinander-, Miteinander-, Gegeneinander-Handeln, in eine Korrelation der Zustände mit andern tritt,



## Croqui da Rua X

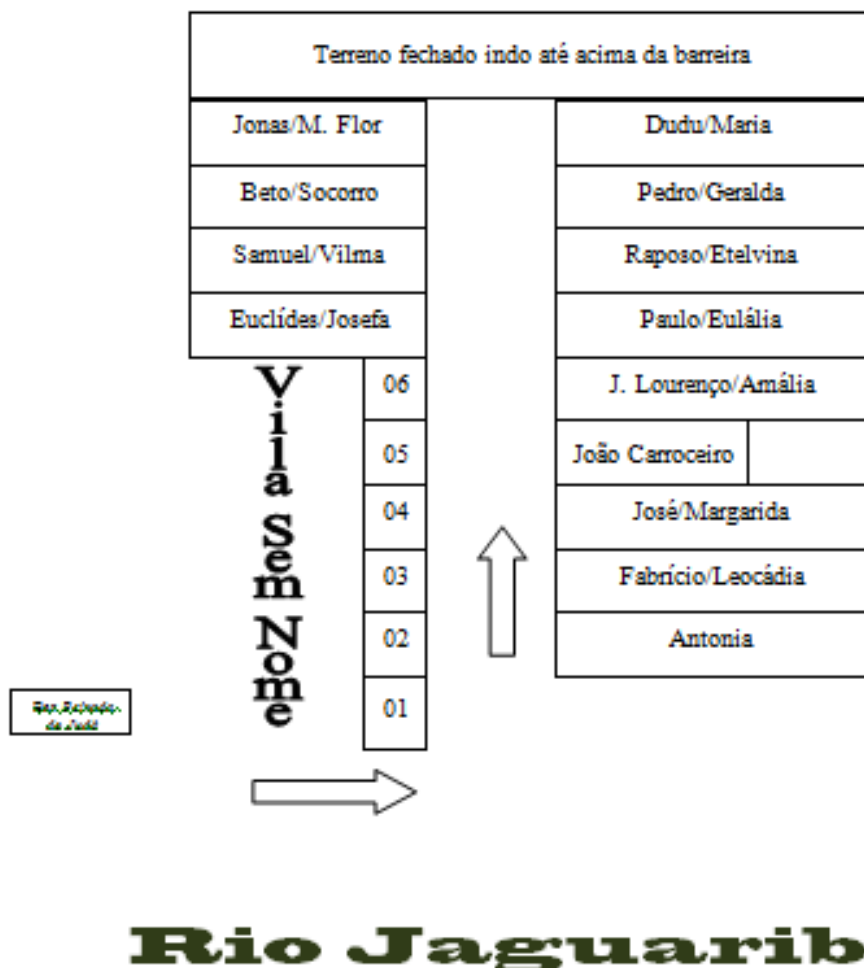


Figura 1. Croqui aproximado da Rua X com a localização dos casais e da Vila Sem Nome.  
 Fonte: Arquivos do GREM. Croqui elaborado pelo autor.

Uma sociedade em construção, no caso da sociedade de afetos da Rua X. Uma sociabilidade edificada, ou “feita”, como se gosta de afirmar localmente, através de muita amizade, muita compreensão, muita luta e muito sofrimento, mas também de partilha-mento de alegrias e de fundação de um modo de viver que os fez se sentirem e agirem como e enquanto comunidade. E sobre a qual montaram um nucleamento de bem querer

d. h. Wirkungen auf sie ausübt und Wirkungen von ihnen empfängt” (SIMMEL, 1908, p. 4).



e de força: “e, daí pra frente foi só trabalhadeira”.

A limpeza do terreno, a busca de emprego, a construção das casas, a luta pela permanência no lugar deu origem a um espírito solidário de compartilhamento e união, e transformou esse conjunto de homens e mulheres em uma comunidade de afetos. Os transformou em uma sociedade de partilhamento e solidariedade intensa que perdurou por toda a existência desses personagens, e ainda perdura na memória e nas emoções, entre os viventes.

### **3. Uma comunidade de afetos**

O grupo de pioneiros que ergueram a Rua X compõe assim a comunidade de afetos. Os seus filhos e netos e as novas composições familiares advindas a partir deles proporcionam o prosseguir dessa cultura emotiva composta pela montagem comum de caminhos que foram traçando direções específicas sobre o como prosseguir e a posição de cada um deles, velhos e novos membros, no seu corpo societal e cultural.

Esta comunidade de afetos, portanto, construída no transcurso a escolha de um grupo de homens e mulheres de prosseguirem juntos e comporem uma trajetória e biografia comuns tecidas nesta existência coletiva, dão sentido ao grupo enquanto unidade social e a dimensão cultural montada sobre o sentimento comum de pertencimento, e da formulação de regras e normas de conduta que orientavam esse continuar. A sua história natural, deste modo, monta um mosaico de representações sociais desta figuração social, e que serve de parâmetro ideal de condutas a serem observadas e que igualmente objetificam os sentidos morais repassados às gerações seguintes e de forte presença nas narrativas individuais sobre o lugar, sobre locais e sobre a sua densidade e proeminência.

A memória social da conformação comunitária, os ordenamentos mentais desse sentimento de pertencimento a um lugar comum de trocas solidárias e a noção de uma comunidade de amizades e dedicações montam por fim um quebra-cabeça. Quebra-cabeça este cujas peças permitem a compreensão e a visualização do formato singular do lugar e dos personagens que dele fazem parte.

A comunidade de afetos da Rua X se autoproduziu e se reproduziu cotidianamente.



mente em uma forma, no sentido simmeliano (SIMMEL, 1910-1911), no processo de crescimento de si mesma enquanto corpus. Corpus que orienta formatos de agir e consolidam pertencimentos, trajetórias individuais e dão sentido a um viver junto em comum, o definindo como um nós. Uma forma, um *corpus*, um nós, simmelianamente falando, pensado não como unidade homogênea, mas como uma unidade tensional.

Tensão esta que mobiliza a forma e a transforma cotidianamente em um caleidoscópio em que novas composições de mosaicos vão se constituindo a cada jogo interacional, apesar de usarem as mesmas peças. O que exige de cada jogador uma habilidade para se movimentar entre estas composições sempre novas de mosaicos, e de seguirem as regras de conduta que os organizam e lhes dão sentido. Mosaicos estes, por fim, em que um *nós* denso, ou uma formação, ou uma figuração, orienta as narrativas individuais em relação a um processo de conformação dos personagens em um si mesmos, coletivizados, enquanto selves autoespelhados, na bela expressão de Charles Cooley (1964; 2017).

Espelho abstrato este através do qual cada indivíduo presente se autorrefletia em cada situação ou a cada mosaico armado pelo contínuo girar do caleidoscópio emocional e moral da Rua X. Nos autorreflexos, uns dos outros, uns sobre os outros os moradores permanentes se orientavam em direção a suas ações privadas e em relação aos demais próximos e aos outros ao redor. Processo de autorreflexão, por fim, que articulava os fios de um caminho que enredava os personagens-agentes sociais nele imersos, pelos compromissos cognitivos inerentes ao pertencimento ao grupo, em uma espécie de autossentimento (SCHEFF, 2016, p. 70-71).

Peter Berger (1972, p. 135) afirma, - ao discutir o processo de conformação de pessoas em um grupo social específico e em relação com o ambiente social e físico dessa ação - que, “ao se escolher pessoas específicas, escolhe-se um lugar específico para viver”. Com essa afirmação ele apresenta a noção de grupo de referência definida, a partir de uma leitura específica e elástica de Robert Merton (1957), como uma coletividade cujas opiniões, convicções e rumos de ação são decisivos para a formação das opiniões, convicções e rumos de ação individual de cada membro do grupo (BERGER, 1972, p. 133).



O fazer parte de um grupo de referência, em certa medida, assim, orienta as ações das pessoas nele imerso, constituindo uma espécie de cosmovisão (BERGER, 1972, p. 131), ou uma maneira subjetiva de ver o mundo através das experiências vividas e apreendidas no cosmo comunitário da sociabilidade a que pertencem. O grupo de referência, portanto, serve como um identificador pelo qual os indivíduos que o compõe lêem o mundo, os outros que nele habitam e os que vivem ao seu redor e além, e institui um lugar para si de onde enxergam a si mesmos como indivíduos sociais, emocionais e morais, enfim, enquanto pessoas.

Uma pessoa no interior de um grupo de referência, destarte, percebe o mundo de que faz parte de um modo determinado, e a partir deste modo organiza a sua visão sobre os outros próximos, sobre si mesmo e os demais (BERGER, 1972, p. 134). O grupo de referência, assim, fornece um modelo sobre o qual se pode comparar continuamente o próprio *self*, o nós próximo, comunitário e pessoalizado, e os outros.

O grupo de referência, igualmente, como cosmovisão, proporciona aos indivíduos sociais dele participantes um determinado ponto de vista sobre a realidade vivida e constituída. Realidade esta fruto das experiências de trocas sociais com os outros relacionais, com o ambiente físico e social interno e comum à experiência do grupo, e que será parte e conterà a parcela de participação dos personagens que dele participam, no grupo em si e nas trocas com os demais.

É possível, nesse sentido, pensar aqui a dimensão da natureza precária da realidade, de Thomas & Thomas (1928), através da ideia de que cada realidade social é produto de uma situação e de ações situadas que são produzidas no jogo dos personagens em cena dentro de um plano comum de sentidos organizados. Plano comum este que serve como orientador das ações individuais em relação ao nós e a sua ação como coletividade e a ação dos personagens pertencentes ao mesmo lugar comunitário, e a ação dos outros que dela não fazem parte.

Essa discussão serve aqui para se pensar o plano comum de sentidos no ambiente da Rua X aqui estudada. A comunidade de afetos é composta pelas casas da Rua X em cujas unidades residem as 13 famílias<sup>12</sup> originárias da rua, alguns dos seus filhos,

<sup>12</sup>Originalmente foram 18 famílias que se encontraram na calçada da estação ferroviárias e seguiram



com genros e noras, e seus netos e bisnetos, em alguns casos<sup>13</sup>. A comunidade de afetos se autorreflete, de tal modo, em quatro casas no lado esquerdo da rua, e nove casas no lado direito<sup>14</sup>.

Nestas 13 casas, os seus moradores são os mesmos que edificaram as suas moradias e compuseram os sentidos que movem a comunidade de afetos na Rua X. Estão no lugar desde o processo de ocupação da Mata do Buraquinho, em meados dos anos de 1940, e lá desenvolveram uma participação ativa na conformação deste lugar, enquanto rede afetiva que medra a cultura emotiva local e objetificam uma moralidade como regras de agir comuns. Assim como no processo de afirmação dessa participação como pertencimento.

Pertencimento este que orientou as composições sempre tensas de códigos de conduta oriundos da intensa mobilização amiga e solidária dos seus moradores e que desenvolveram o grupo de referência e a cosmovisão organizada neste viver em comum. Ao mesmo tempo em que serve de motivação e abalamento das narrativas e dos planos comuns de ação dispostos nesse *corpus*, que serviram como orientadores das ações individuais e coordenadores do comportamento e do desempenho dos que a ela pertencem.

---

juntas até a margem do Rio Jaguaribe onde organizaram o seu lugar de moradia e a vontade de seguirem juntas uma trajetória de vida em comum. Cinco destas famílias, contudo, terminaram cedendo a pressões dos “coronéis” ou de possíveis donos da terra, ou das forças policiais e jurídicas do Estado e terminaram indo embora com medo de “algo de ruim” acontecer com eles e seus familiares. Como, de fato ocorreu com o esposo de Dona Antônia, uma das moradoras pioneira da Rua X, morto por capangas de um proprietário de lote de terra próximo acusado de ser ladrão, logo nos primeiros anos de ocupação. Este artigo trabalha apenas com as 13 famílias que permaneceram no lugar em que edificaram as suas moradias e construíram a comunidade de afetos que compõe a cultura emotiva e o ethos de pertencimento à Rua X.

<sup>13</sup>Os personagens principais deste artigo são os moradores permanentes da Rua X. Dentre estes moradores dois casais e seus filhos: os casais Raposo e Etelvina (pais de Arnaldo) e Pedro e Geralda (pais de Noé), moradores do lado direito da Rua X. Os demais personagens do lado direito da Rua X, juntamente com seus filhos e netos são: Seu Dudu e Dona Maria; Seu Paulo e Dona Eulália; Seu José Lourenço e Dona Amália; Seu João Carroceiro; Seu José e Dona Margarida; Seu Fabrício e Dona Leocádia; Dona Antônia. No lado esquerdo da Rua X se encontram quatro casais e seus filhos e netos, também moradores permanentes do local: Seu Jonas e Dona Maria Flor; Seu Beto e Dona Socorro; Seu Samuel e Dona Vilma; e Seu Euclides e Dona Josefa.

<sup>14</sup> Existe ainda a pequena vila já mencionada, com seis casas de um único cômodo no início do lado esquerdo da Rua X, que não será analisada neste artigo. Vila esta que se constitui um contraponto à comunidade de afetos das demais moradias da rua, que não consideram os seus moradores, vistos como temporários, como pertencente a este tecido comunitário.





#### **4. A narrativa dos pioneiros: a ocupação do lugar e a composição da rua**

As 18 famílias que edificaram uma trajetória comum e constituíram-se em uma comunidade de afetos imigraram para a cidade de João Pessoa, vindas de caminhos e sentimentos de partida dos seus lugares de origem diferentes, se encontraram parados em uma calçada da estação ferroviária da capital, onde desembarcaram, e lá se conheceram e resolveram partirem juntos na busca de um lugar para morar e erguer suas vidas na cidade. Todos, ou em sua grande maioria, muito jovens, de acordo com a narrativa de Seu Raposo e Seu Pedro.

Seu Raposo e Seu Pedro relembram que seguiram com suas mulheres e outras 16 famílias em duas carroças de boi até as margens do Rio Jaguaribe, nos limites do bairro da Torre em expansão. Lá chegando, depois de uma noite em torno de uma fogueira perto do rio, saíram em grupos para identificarem o local e escolheram, junto com as outras famílias, o lugar onde deveriam realizar o desmatamento e edificar as suas moradias.

Relatam que tomaram conta de dois terrenos conjugados, na delimitação da área ocupada pelo grupo formado, limpavam o terreno e neles construíram aos poucos as suas casas. Casas com quintais generosos onde deixaram de pé ou plantaram árvores frutíferas como mangueiras, jaqueiras, pés de fruta-pão e mantiveram uma pequena horta cuidada em conjunto pelas donas de casa e amigas Dona Etelvina e Dona Geralda, suas esposas e, posteriormente, com a ajuda dos filhos tardios.

Filhos que “iam crescendo felizes e mais e mais amigos inseparáveis”, como contou com lágrimas nos olhos Dona Etelvina, rememorando a velha amizade das duas famílias e o crescimento dos dois meninos, seus filhos. “Isso mesmo Etelvina, amigos inseparáveis como nós quatro”, complementa dona Geralda, “que, desde que nos conhecemos pequenininhos, era sempre um agarrado só, um no outro, numa amizade sem fim...”.

Com os filhos dos dois casais também parecia se dá o mesmo: viviam em uma interação profunda e benquista e incentivada pelos pais. Eram “desde pequenininhos”, “meninos de ouro”. Crianças saudáveis e que “sempre cooperavam com a gente nessa lida diária de cultivo de nossas hortaliças e verduras... sempre...”. Foram filhos que cres-



ceram de forma afável e cooperativa e “que nunca, nunca deram trabalho...”, conforme disse Dona Etelvina, com uma aprovação de cabeça de Dona Geralda<sup>15</sup>.

Além da estreita amizade entre os casais Raposo e Etelvina e Pedro e Geralda, os vizinhos da pequena rua sem calçamento, como um todo, por sua vez, faziam parte desta rede solidária da comunidade de afetos, como todos os pioneiros chamavam a si próprios. Comunidade construída ao longo dos anos de profundo convívio e resistência, no cotidiano da sobrevivência e na defesa do lugar que escolheram para viver e criar os seus filhos.

Muitos dos vizinhos, quase a maior parte deles, segundo Dona Etelvina, “frequentavam a mesma igreja que a gente logo que chegemos por aqui”. De acordo com o seu relato, “mesmo os que tinham outra igreja ou religião eram tidos como irmãos pra nós”, isto é, eram vistos como coparticipantes desse núcleo interacional de significados, de trocas simbólicas, de ajuda mútua e de ajuda ao próximo.

“Principalmente dos mais necessitados de nós”<sup>16</sup>, disse o Seu Paulo, na primeira vez que conversamos, no início de 2002, quando, acompanhando o Seu Raposo até a sua residência nos deparamos com ele, sem camisa, no muro de tábuas de sua casa. Lá, paramos, e eu fui apresentado ao Seu Paulo pelo Seu Raposo, atendendo ao cumprimento festivo e afetuoso de uma “boa tarde” e um chamado de mão e voz para que nos “achegasse” até ele. Após a apresentação ficamos juntos entre o portão e o muro de tábuas e conversamos um pouco.

Seu Raposo, complementando a narrativa do Seu Paulo em relação à comunidade de afetos da Rua X, olha para mim e afirma: “uma coisa é certo, professor, eu tenho

<sup>15</sup>Os depoimentos da história da ocupação do lugar onde construíram a Rua X foram tomados durante as três estadas em campo, entre os anos 2000 a 2004 e de modo descontínuo até 2005; 2007 a 2009 e intermitente até 2012, e 2016 e 2017, prosseguindo até o final do mês de janeiro de 2018.

<sup>16</sup>Os “mais necessitados de nós”, na apresentação da rua a mim através da narrativa de Seu Paulo, eram os moradores das seis pequenas casas da Vila Sem Nome que ficava no começo da rua, no seu lado esquerdo. Esta vila, segundo Seu Paulo, era normalmente ocupada por moradores recém chegados a João Pessoa, muitos deles “desempregados e com filhos”, que alugavam de um senhor, proprietário, “que morava na rua da frente e que construiu as seis pequenas casinhas” geminadas para aluguel. A vila foi construída no fundo de residência do proprietário, com abertura para a Rua X. De acordo com o Seu Raposo, “... a rua inteira, toda semana, entrega mantimentos de primeira necessidade aos moradores da vila e busca integrá-los” ao cotidiano da rua, do bairro e da cidade. Afirma ainda que “a maioria deles estava ali só de passagem”, enquanto não podiam alugar ou “montar um cantinho melhor para eles”. A Vila Sem Nome não será objeto direto de interesse nesse artigo, só aparecendo em função da sua relação presente nas narrativas dos moradores pioneiros.



orgulho e agradeço muito ter tido a sorte de parar nessa turma que ajudou a montar essa rua e esse pedaço de bairro”. A turma que ele se refere são as 18 famílias de pioneiros, tornadas 13 mais tarde, que se autoconstituíram em uma comunidade afetiva.

Segundo o seu relato, “nós, desde o início só se demos bem, tudo alma caridosa e necessitada uns dos outros”. Pára um pouco, como a refletir sobre o modo de melhor continuar a sua narrativa, e a seguir prossegue: “mas, professor, todo muito agarradinho nos apoios uns pros outros, mas também, e isso é uma coisa firme na gente... cada um direito, no seu canto, sabendo os pés<sup>17</sup> de cada um e atendendo apenas quando chamado e estando atento pro que der e vier”.

Destarte, no depoimento de todos os pioneiros da Rua X, bem como de seus filhos e netos, apenas as “casinhas” da vila tinham um alto rodízio de moradores. O que dificultava, segundo eles, uma convivência mais próxima, a não ser nas visitas semanais aonde os pioneiros iam levar mantimentos e se mostrarem à disposição para ajudá-los. Os demais moradores se encontravam ali desde o momento inicial de ocupação da área, quando ainda estavam se organizando para estabelecerem os espaços para a construção de suas moradias.

Com o passar do tempo, montaram roçado e criação comuns e partilhavam dos bens e de algum lucro obtido sobre a venda das sobras da colheita. No caso de haver sobra, assim, um grupo de moradores se encarregava de repassá-las e atingiam outros moradores por perto, a quem vendiam o produto; ou iam mais adiante, como fazia o Seu João Carroceiro, que montava barraca, no início, em pontos próximos da Lagoa, ou no entorno do mercado público de Tambiá e nas feiras livres da cidade chegando a um número maior de pessoas. Outros, que tinham alguma habilidade, faziam cestos, peneiras, chapéus e iam vender na cidade; ou, faziam como Seu Pedro, que possuía a arte de vidraceiro, e montou um “*negocinho*” que, em pouco tempo, era conhecido e chamado por uma clientela “que só fazia aumentar”, em uma época de expansão da cidade.

Outros tantos começaram a trabalhar como ajudantes de pedreiro, alguns se tornando mestres de obras e contratando o seu próprio pessoal para o trabalho de peque-

<sup>17</sup>A palavra pés aqui, como empregada por Seu Raposo, tem o sentido de limites e motivos.



nas construções ou reparos e pinturas de paredes. As mulheres se empregavam como domésticas nas casas da cidade, outras tinham a arte da costura e costuravam para a redondeza, e algumas se empregaram em fábricas, mas poucas delas, e outras ainda apenas cuidavam “do lar”.

Outros mais, de acordo com a conversa de Seu Paulo, em 2002, ao “pé do portão” de sua casa, “... não tiveram tanta sorte, mas mesmo assim lutaram e com a ajuda de nós, da comunidade foram se remontando aos pouquinhos”. Relembra que, com a ajuda de todos os membros da comunidade, eles foram “... se ajeita[ando] devagarinho na vida, trabalhando honesto e criando seus *bruguelos* (filhos)...”.

Seu Paulo para um pouco, reflete, emite uma expressão de tristeza no olhar e, falando olhando direto para o Seu Raposo, me informa que, mesmo assim, alguns “outros num aguentaram os puxões da vida e se mandaram logo...”. Evoca as cinco famílias que não resistiram às pressões a que os pioneiros foram submetidos no processo de constituição da comunidade de afetos, como se referem à rua onde moram.

Referência na qual, com frequência, fazem uma simbiose entre os dois nomes: Rua X e comunidade de afetos. Um e outro se fundindo em torno de um mesmo núcleo de pertencimento e solidariedade mútua. A memória social e individual de cada pioneiro se mistura assim entre o lugar e a história natural de sua ocupação e a comunidade de afetos gerada no decorrer dessa história.

As paisagens construídas nas narrativas, deste modo, fundiam as imagens de apropriação do espaço, ainda composto por uma mata natural, com a composição afetiva do lugar conquistado com muitas lutas e sofrimentos. Mas também sempre evocada em suas lembranças a partir da solidariedade e afetos que uniam o conjunto dos seus moradores. Em seus balanços rememorativos contam suas trajetórias individuais e coletivas como um composto de ganhos e de muitas perdas no decorrer da história natural da Rua X.

Isso pode ser sentido de forma absorvente na narrativa do seu Pedro, em 2009, quando ele afirma: “... a gente tudo, professor, era gente nova, com disposição e com braços para a labutagem e com vontade de se aperfeiçoar nas artes que a gente já tinha ou para outras que porventura deus quisesse dar pra nós”. O Seu Pedro se refere à



vontade fortificada quando do envolvimento dos diversos casais, uns com os outros, que deram força a eles, ao conjunto, na montagem de projetos e projeções sobre o destino de cada família, de cada um, e da comunidade afetiva que se formava e se tornava mais forte e dinâmica a cada “novo amanhecer”.

Seu Pedro expõe sobre as dificuldades passadas por todos os casais, homens e mulheres, e algumas crianças que já se encontravam entre eles, ao se lançarem na aventura da conquista de um lugar na cidade de João Pessoa para sobreviverem e criarem os seus filhos. Segundo ele, “... algumas mulheres da gente, no início, tiveram que trabalhar na casa dos patrões lá na cidade e passavam de quinze dias a um mês por lá e dois dias em casa, era dureza”.

Olha ao redor, para as casas ao longo da rua, pára um pouco como para situar-se melhor do que iria informar; olha para mim, e aponta com o dedo na direção de algumas residências me dizendo: “... a mulher de João [Carroceiro], que deus a tenha, e a de Euclides e a de Paulo, e de outros tantos daqui passaram tempos fazendo isso até se aprumarem na vida...”. Prossegue, apontando para si próprio e para a casa vizinha do amigo-irmão, Seu Raposo, olhando direto para os meus olhos, como querendo sentir a minha expressão facial sobre o que ia dizer, e afirma que “a minha Geralda e a Etelvina, mulher do Raposo, ainda bem, não precisaram não”.

Afirma orgulhoso de que os dois possuíam uma posição profissional diferente que os tornava mais afeitos na vida, o que poupava as mulheres do trabalho fora de casa. Deste modo, suas esposas “... ficavam na casa cuidando da casa, [mas] plantavam uma roça, cuidavam dos nossos filhos e iam pra igreja<sup>18</sup>, e ajudavam nas festas, nos hinos e coisa assim...”.

<sup>18</sup>De acordo com o relato de Dona Geralda, em uma conversa informal, ela, Dona Etelvina e os esposos, e muitos outros da rua, quando chegaram a João Pessoa, frequentavam a religião católica. Mas, segundo ela, “nos anos depois [por volta de 1970 ou um pouco mais] a gente se desiluiu da igreja e começamos a frequentar outra. Essa era uma pequena igreja próxima onde nós morava que falava mais de perto o que a gente precisava ouvir, aí Pedro falou com Raposo, que depois falaram com nós para passar por lá pra ver como era lá, isso a convite do pastor e da mulher dele, que visitaram a nossa comunidade e convidaram pra gente ir lá e a gente foi. Não é que a gente voltou cheio de luz, lá só tinha gente como a gente, se falava de precisão e de como se resolver ela e de que era nós na união e na paz que fazia isso acontecer. Aí a gente foi indo devagarinho, frequentando lá e cá, até que decidimos ficar nessa nova fé... Hoje, pro senhor vê, tamos em uma outra, que é a de um compadre nosso lá de nossa terra que virou pastor e veio pra cá e montou com a ajuda da gente essas paredes e hoje muitos de nós frequenta o lugar de deus e ajuda nos trabalhos de evangelização do povo de deus daqui e de outros cantos pobres da cidade...”.



No entanto, mesmo assim, fez questão de dizer que elas eram “trabalhadeiras” e sempre “prestativas”. Nas suas palavras: “as duas, Geralda e Etelvina, ficavam em casa, é verdade, mas sempre foram mulheres da luta... Sempre trabalhadeiras e prestativas aos outros próximos da gente e até aos desconhecidos da paróquia...”.

## 5. Os anos de chegada foram dureza

Alguns meses depois da minha conversa com Seu Pedro, houve uma festa na Rua X a que fui convidado. Era a festa de aniversário dos 84 anos de Dona Antônia, no ano de 2009.

A festa aconteceu no quintal da casa de Dona Antônia em volta de uma grande fogueira onde as pessoas se sentavam em torno e assavam pedaços de carne, de frango, de salsichas, de queijo coalho, em uma grande fatura, e onde eram servidos sucos e muita cachaça com caju e limão. Na festa se armou, ao redor da fogueira, uma grande e animada roda de conversa. O assunto, - com outros do dia a dia da comunidade e de muitas “salvas” e “vivas” a Dona Antônia, - foi sobre a construção da comunidade de afetos da Rua X<sup>19</sup>. No dizer de Seu José Lourenço, que dá nome a este subtítulo, “os anos de chegada foram dureza”.

Seu José Lourenço continua, afirmando que “a sorte da gente foi a gente ter encontrado uns comparsas que estavam na mesma precisão de nós, e gente da boa...” . O Seu Beto pega esta afirmação de Seu José Lourenço para lembrar o momento em que se encontravam na calçada da estação ferroviária de João Pessoa, no bairro do Varadouro.

Relembra esse instante passado, mas presentificado na sua imaginação e dos muitos presentes, como o marco inicial de uma união entre pessoas que nunca tinham se visto antes, mas que se colocaram em um projeto de vencerem juntas as agruras daquele momento. E, desse modo, partilhar as suas vidas, conquistas e derrotas, lutas e ganhos, perdas, sofrimentos e alegria e o prazer de estarem cada vez mais juntos, como

<sup>19</sup>Como lembrou Dona Maria Flor, era sempre a mesma coisa, sempre se conversava sobre esse período juntos, das “durezas da vida nos primeiros tempos”, das “conquistas de cada um e de todos”, e “das coisas da vida e da vida em comum”. “E agora”, acrescentou Seu José, “temos o professor pra nos ouvir e perguntar... aí é que a conversa não vai acabar mais... eita aniversário bom!...”. Todos riram! Fiquei feliz com a saudação afetuosa de Dona Maria Flor, me integrando prazerosamente, ao grupo, como um ouvido diferente, “e aí que a conversa não vai acabar mais...”.



naquele instante comemorando o aniversário de “uma guerreira, de mulher de fibra, essa amiga, irmã, batalhadora, essa nossa Antônia”.

Prosseguindo o relato iniciado por Seu José Lourenço, descreve que “...távamos tudo de nós ali, recém chegados, com bagagem, mulher e alguns com filhos pequenos, olhando o mundão sem saber que rumo tomar...”. A sua voz adquire uma tonalidade especial, a narrativa se torna quase épica, enquanto continua a falar. Conta que “ninguém quase não se conhecia, mas tava tudo junto como um monte pensando cada qual o que fazer”.

Pensa um segundo e todos ficam esperando a continuidade dessa narrativa. Olha para Dona Antônia, e grita um “... parabéns para essa mulher da gota serena!”, olha para o local em que se encontra Dona Socorro, dá uma piscadela, encosta a mão direita nos lábios e manda um beijo em sua direção. Olha, enfim, para a plateia armada de amigos em torno da fogueira e prossegue: “Aí, Antônia, mulher do finado Amaro, junto com Socorro, minha mulher... trocaram conversa e fizeram logo amizade, [e] começaram a passar uns pães e um café ralo entre o monte que era a gente...”.

Faz outra pausa curta e acrescenta: “essa movimentação de Antônia e Socorro eu não esqueço jamais! Foi aí que tudo começou pra nós junto”. Ao redor existem vários olhares emocionados. Todos se inserem no interior da narrativa épica de Seu Beto e, claramente, esta cena comum passada que serve como o símbolo da montagem da rede afetiva que tomou conta da vida de todos desde então em uma trajetória comum, é revivida por todos.

A emoção toma conta cada vez mais da plateia. O Seu Beto sabe tirar proveito dela e continua, grave, “com uma voz empostada de pregador, fazendo pregação na Lagoa”<sup>20</sup>. Descreve sobre esse encontro simbólico para os comunitários da Rua X. Informa que, “uns começou a falar com os outros, e o finado Amaro disse que soube que lá pras bandas de uma tal Estrada dos Macacos tinha uma beira de rio e uma mataria, que a gente podia ver se si achegava por lá...”.

Dá uma olhadinha para os lados, para ver o comportamento da plateia e, como

<sup>20</sup> Como me cochichou brincalhona Vilsa, a filha de Seu Samuel e Dona Vilma, casal de pioneiros da comunidade de afetos.



estavam todos de ouvidos e olhos atentos para ele, continua: “e, assim, dito e feito! Todo mundo quase de imediato se animou e já tinha um destino junto...”. Faz um olhar triste para lembrar algumas famílias e alguns homens e mulheres sozinhos que estavam como eles na calçada da estação ferroviária e não se interessaram ou não tiveram coragem de segui-los na empreitada de conquistar a “mataria”, “lá pras bandas de uma tal Estrada dos Macacos”. E então assume a voz empostada e a teatralização da narrativa e diz, “pois é, vai ver que tinha que ser assim, mas poucos que estavam por lá foram os que não toparam a parada e por lá ficaram, e perdemos o rumo deles... pra todo e sempre”.

O que é concluído por Seu Jonas, que aproveita o momento de silêncio do Seu Beto e lhe toma a palavra. Antes, porém, faz um “urra!” em direção à Dona Antônia, levanta um copo com cachaça e limão e faz um brinde à aniversariante. O que é seguido por todos.

Depois, retoma a palavra tirada do Seu Beto e expõe aos presentes: “pois é, meus amigos, então, como o Beto vinha contando... foi aí que a coisa começou”. Para um pouco, como a lembrar o momento passado vivido junto aos demais companheiros e relata: “Pois é, amigos, acho que todos tem essa coisa toda nas cabeças, nos olhos e no coração, pois é... já era de manhãzinha quando resolvemos caminhar na direção dessa tal Estrada dos Macacos. Quem é que sabia como chegar? Aí o jeito foi sair perguntando...”.

## **6. A caminho da Estrada dos Macacos**

Seu Beto fala de alguém que ouviu falar que do outro lado da rua havia carros de boi que faziam transporte e conheciam a cidade e os melhores lugares para onde eles poderiam ir. Diz que olhou em frente e, de fato, “tinha uns carros de boi parado por lá e eu e João foi perguntar, um deles disse que podia levar a gente e disse o preço, disse que era uma lonjura danada e lá pra dentro de mata fechada...”. Ele continua o seu relato dizendo que ele e o Seu João Carroceiro “voltaram pro grupo e contamos o que a gente tinha e dava pelo conjunto pra alugar dois carros e botar por cima umas mulheres da gente buchuda (*grávida*) e criança pequena, o resto acompanhava a pé...”. Todos do grupo, segundo ele, concordaram. Contaram o dinheiro de cada um e daria para fazer o





pagamento do transporte dos dois carros. Ele pára um pouco, ri e continua: “Né, minha gente, todos aqui se lembram, ficamos liso e lesado, só vendo, mas fomos pra dentro que era a nossa meta maior naquele momento...”.

Seu Raposo balança a cabeça confirmando os relatos de Seu José Lourenço, Seu Beto e Seu Jonas e acrescenta: “é verdade, foi uma dureza, mas era a nossa meta e a gente tinha fé!”. Assume a palavra e retoma a narrativa épica deste encontro social que levou estes homens e mulheres a seguirem unidos em uma longa trajetória.

De acordo com o Seu Raposo: “Nós chegamos quase de madrugada junto do Rio Jaguaribe. Pagamos os carroceiros, gente boa, que viu a nossa situação e deixou ainda uns trocados com a gente e seguiram viagem de volta”. Diz que desembarcaram, olharam uns para os outros, dividiram os “malotes entre eles, e “a gente adentrou a andar pela margem do rio, andou, andou e parou num canto”.

Nessa parada para descansar um pouco, se reuniram e decidiram que teriam tarefas imediatas a serem executadas para dar o conforto mínimo ao grupo. Desse modo, ficou decidido que “as mulheres organizariam um acampamento”, e houve uma separação de atividades entre eles. Segundo o Seu Raposo, “uns de nós fomos pra mata arranjar uns paus pra fazer uma fogueira pra espantar os bichos e mosquitos”. Diz que ficou nesse grupo com Seu Pedro.

Segue o seu relato afirmando que “uns outros de nós arranjaram uns peixes com varas improvisadas jogadas no rio, e fizemos a nossa primeira janta de outras tantas que aconteceriam com nós...”. O Seu Samuel toma a palavra, emocionado com tantas lembranças trazidas pelos seus amigos desse dia que os marcou para sempre e acrescenta: “a gente tava cansado de morrer, mas tava quase feliz! Depois da janta improvisada foi um sono só, com um de nós sendo acordado de tempo em tempo para substituir os que ficaram acordados de vigia do grupo...”.

Continua a sua exposição falando desse momento de relaxamento coletivo e da exaustão que os levou a dormir “de um sono só”. Lembra que “acordamos com o sol alto, o rio de um lado e a mata do outro”. Diz que tomaram um café com umas bolachas que ainda restavam e de novo se organizaram em três grupos. O das mulheres que ficaram cuidando das crianças e “na lida” de providenciar comida e lavar as roupas sujas



de dias de viagem. Os homens, por sua vez, se dividiram em dois outros grupos, um que adentrou a mata, “para verificar o local; e o outro, para providenciar comida para o grupo. Este se dividiu em outros dois, um para pesca e o outro para caça de animais silvestres. Assim organizados, conta o Seu Samuel, “olhamos um pro outro e deixamos as mulheres na lida de arrumar o acampamento e saímos em grupos, um para arranjar o que comer e o outro para verificar a região que a gente tinha parado”.

Em suas palavras,

Eu, Beto, João, Amaro, José Raposo e Pedro, - que só andavam, desde aquele tempo, agarrados, - fomos pra dentro da mata pra verificar o local; O grupo pra arranjar o que comer se dividiu em dois, um pra entrar na mata e caçar, e outro pra pegar peixe no rio... Foi um dia danado de bom!

Conta que

No caminho se descobriu que outras gentes já tavam por ali, uns como nós, recém chegados, outros com mais tempo, e já com uma roça, umas galinhas, uns porcos, uns gados, uns burros de carroça e uns cavalos... Conversamos sobre a terra e eles disseram que aquela região que nós tava podia ficar pra nós e que eles ficavam ali, outros acolá e assim foi... João Carroceiro perguntou prum dono de uns animais se ele não precisava de braço pra trabalhar... Ele olhou pro João, olhou pra nós e disse que ali tudo era pouco, mas podia repartir uns ovos, uns pintos, umas vasilhas de leite em troca de trabalho no roçado e na lida dos bichos. João topou na hora!

Mais tarde, na roda pra janta, falou a respeito e levou, no dia seguinte, outros dois com ele...

“Nós outros ficamos de dividir o terreno da mata pra nós morar e viver!”, conclui.

Após uma demarcação de oitiva das comunidades já instaladas e do local apontado para servir de lugar de assentamento desse novo grupo, fizeram um recorte de onde cada um ia ficar. Na época, o grupo era composto, ao todo, de 18 famílias e juntos avançaram na distribuição, delimitando o local de cada núcleo familiar e um traçado de rua: nove terrenos de cada lado.

De acordo com o relato de João Carroceiro, as divisões eram equivalentes no início, mas, no passar do tempo, quando apareceu “um tal de coronel, né, e disse que as terras ali tinha dono, uns logo se intimidaram”. Deste modo, segundo ele, “logo que a briga começou terminaram por ceder seus terrenos e casas, na época de palha, por uns trocados e se mandaram dali deixando nós no fogo e no sufoco”.



Diz que com a “saída desses frouxos, os cabras (*capangas*) do coronel fizeram um muro no lugar e as casas ficaram lá dentro com um portão pro outro lado de nós”. Conta que “a pressão foi grande e o pessoal do lado direito da nossa rua venderam aos poucos um pedaço de seus terrenos e outros se mandaram logo como medo”.

“É por isso que hoje a gente vê que os traçados dos terrenos ficaram desinformes: uns maiores de um lado da rua do que os outros do outro lado. E um lado com as nove casas e do outro só quatro...”.

Nessa altura há um *zumzumzum* na plateia. Mas Seu João Carroceiro aumenta o tom de voz e continua a sua narrativa:

Muito depois, o coronel dono dos terrenos das quatro casas que foram tomadas por pressão em troca de quase nada, vendeu os terrenos para um que chegou ao local e construiu a casa dele virado pra outra rua e no fundo da casa, do lado de cá essa vila com as seis casinhas que o professor já viu...

Nós, do lado direito, mantivemos quase intactos os nossos terrenos, por isso eles ainda têm um bom quintal...

No que é complementado por Seu Euclides, “pois é... o João contou uma história certa, mas com uma mágoa guardada...”. Diz que vai contar a história da “mágoa guardada na contação” de Seu João Carroceiro, mágoa que “a gente arrepara até no tom da voz dele”.

Segundo o Seu Euclides,

essa mágoa é a de que a gente tava junto, unido, mas, embora se gostasse e quisesse ficar junto, muitos de nós tomaram uma decisão de sair, acharam que o dinheirinho que deram, depois de botar gado na roçinha da gente, de ameaçar tocar fogo nas casas de palha da gente, de ameaçar bater em nós, era melhor pegar do que ficar sem nada e até correr o risco de ficar sem vida...

É isso... nem todo mundo é igual na pressão, uns cedem outros não, uns cedem mais ou menos, outros não, depende do sofrimento de cada um, do arrastado da vida que cada um levou, do medo ou da batalha de cada mulher que vive com o seu homem; e depende também da precisão de cada um.

Eu mesmo fui um que fiquei, eu também vendi um pedaço do terreno da minha casa, por uma merreca<sup>21</sup> e por pressão, mas tô aqui...

João mesmo, tava com uma mulher fraca em casa e também terminou vendendo a uma família um pedaço do quintal da casa dele, e ele [a pessoa que comprou] ampliou o terreno dele e construiu uma casa do outro lado da rua.

<sup>21</sup> Merreca - pouca coisa, quase nada, pouco dinheiro. Aqui tem o significado de uma oferta de pouco valor econômico.



João tava necessitado de dinheiro urgente, tava com dois filhos novos recém nascidos em casa, a mulher doente da parição e precisava de remédio, de pagar parteira, de pagar uns lambedor e umas ervas pra Dona Anastácia, lá do outro lado da Mata, que sabia cuidar dessas doenças, e coisa e tal.

O dinheiro da parte que ele vendeu foi o que salvou meus gêmeos e deu vida de novo a minha mulher dele e as minhas outras filhas depois... Não é que eu era frouxo, era de precisão, como também foi o de João... E o que fiz resolveu o que eu tinha de resolver, sem eu precisar arredar o pé daqui e batalhar junto pela nossa rua e nossa amizade...

É isso que eu queria dizer... O relato de João é certo, mas a mágoa deve ser diminuída, pra se olhar com mais justeza os modos de agir de cada um de nós?

A plateia emocionada aplaude essa defesa das opções dos que se foram, ou dos que ficaram, mas venderam parte dos seus terrenos. Muitos soltam algumas frases gritadas, “é isso mesmo Euclídes!”, “cada um sabe onde o calo aperta”, “João quando bebe não controla a língua e ofende o mundo...”, e outras tantas.

O Seu João Carroceiro pede silêncio para a plateia, retoma a palavra, e emocionado, diz alto, “É verdade, é verdade, o que Euclides falou é verdade...”. Fala então dos tempos difíceis que teve que enfrentar, com a mulher doente e cada vez mais fraca, os filhos para criar, ele sozinho tendo que enfrentar “a vida” vendendo verduras e frutas de porta em porta, e repete, “é verdade, gente, como todos sabem,

eu tive mesmo que vender um pedaço do meu terreno a um infeliz que queria aumentar o terreno dele do outro lado da rua para fazer a casa pra morar e abrir um lugar de servir comida e um bar... e fiz pra salvar o par de gêmeos, meus filhos e a minha mulher que depois deles quase morria de fraqueza danada...

E não foi por pressão, mas, como ele [o vizinho dos fundos] mesmo falou, sabendo que eu tava aperrado e doido da vida com a situação que eu tava passando em casa, me fez uma proposta e eu aceitei.

Sou o único do lado esquerdo a tá com um terreno menor... Euclídes tem razão, a vida de cada um tem lá suas atribulação e cada qual sabe onde o sapato aperta e como fazer as coisas para sair do aperto... tem razão sim!...

O Seu João Carroceiro pediu desculpa mais uma vez, e falou que não tinha intenção de ofender ninguém. O grupo inteiro, contudo, estava comovido. Algumas lágrimas brilharam na luz da fogueira nos olhos dos presentes, e Dona Antônia, arrematou a palavra dizendo que “não pode haver mágoa, nem ressentimento entre a gente, pois a luta da gente é uma luta presente a todo o dia e é uma luta de gente forte e de vencedores...”



No que Seu Raposo acrescentou: “... gente de deus... veja! A gente, como disse Antônia, é gente de bem, séria e conforme os mandatos de deus... A gente não pode ter mágoa de coisas do passado...”.

O Euclides tem razão: as precisões de cada um, quando não podiam ser resolvidas pelo grupo, era de cada um, e cada um agia com sua própria cabeça, no seio de deus, sempre generoso, e cada um fez o certo que achava certo. E a gente outros tinha também de saber que esse era o certo pra ele, e para o grupo em geral.

Não vamos estragar a festa de Antônia que tá muito mais do que boa, vamos continuar a contar o nosso bê-á-bá pro professor, e mostrar como a gente apesar das dificuldades tamos aqui pra contar as nossas vidas de bem querer...

Todos os presentes, ainda com a emoção aflorando o semblante de cada um, riram, aplaudiram, deram vivas aos 84 anos de Dona Antônia, e uma rodada mais de cachaça e sucos de manga e de caju remontou o clima de festa e um final menos tenso. A festa prosseguiu noite adentro em um clima de trocas de afetos e amenidades.

Essas narrativas aconteceram durante uma roda de conversas para comemorar o aniversário de uma das moradoras do lugar, que fez parte do núcleo de pessoas que chegaram juntos à Mata do Buraquinho. Outras narrações apresentadas no decorrer do artigo foram colhidas em diversos momentos da pesquisa de campo. Todas relatam, de forma épica, a chegada do grupo a João Pessoa, o encontro na calçada da estação, a chegada na Estrada dos Macacos, a caminhada pela margem esquerda do Rio Jaguaribe, e a ocupação de locais desprezados pela especulação imobiliária da época para constituição de um lugar de moradia e trajetória de vidas em comum na cidade escolhida para viver, a dureza dos primeiros tempos, a desistência de alguns e o fortalecimento do grupo. O que deu origem a uma história natural afetiva, que desemboca na consolidação de uma comunidade de afetos contada através da memória dos seus organizadores.

Este artigo teve por objetivo mostrar um agrupamento humano que se organizou através de um aprofundamento de vínculos solidários e de compartilhamento do conjunto de bens a eles dispostos, bens físicos e simbólicos. Quis apresentar também as diversas tensões resultantes de uma organização de personalidade intensa, devido ao estreitamento dos laços e da dificuldade de se distinguir em seu interior os limites entre o pessoal e o coletivo, causando às vezes pequenos conflitos, e mágoas entre os que se sentiram vitimados pela intrusão do grupo em suas vidas, e entre os que se sentiram ex-



cluídos de participação efetiva dos dilemas vividos por uma pessoa, ou família ou grupo situacional específico no cotidiano da rua.

Mas, por outro lado, de um grupamento humano, cuja comunidade também produziu o sentimento de pertença não só ao lugar, mas simbolicamente aos vínculos fortes de amizade que os entrelaçaram em uma trajetória comum, e onde aprenderam que desculpas e perdão, e às vezes o silêncio reflexivo ante algo sentido como ofensa é possível de ser feito, é bem vindo, e principalmente deve ser conversado e negociado, como forma de unidade tensa e de continuidade do que chamam de comunidade de afetos.

## Referências

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BERGER, Peter & Thomas Luckmann. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos (Org.). *Introdução: o campo da antropologia das emoções. Cultura e Sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.

COOLEY, Charles Horton. *Human Nature and the Social Order*. New York: Schocken, 1964.

\_\_\_\_\_, Charles Horton. O self social: o significado do Eu. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 47, p. 173-192, Agosto de 2017. Acesso em 04 de agosto de 2017. Link: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/CooleyKouryArtTrad.pdf>.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Emoções, sociedade e cultura*. Curitiba: CRV, 2009.

\_\_\_\_\_, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 29, n. 3, p. 841-866, 2014.

\_\_\_\_\_, Mauro Guilherme Pinheiro. *Uma comunidade de afetos: Reflexão etnográfica sobre uma rua de um bairro popular sob a perspectiva da Antropologia das Emoções*. Relatório final de licença capacitação ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: GREM, 2018.

MERTON, Robert K. *Social theory and social structure*. Chicago: The Free Press of Glencoe, 1957.

SCHEFF, Thomas. *Desvendando o processo civilizador: vergonha e integração na obra de Elias*. In: Mauro Guilherme Pinheiro Koury e Raoni Borges Barbosa (Orgs.). *Vergonha no self e na sociedade: Sociologia e a antropologia das emoções de Thomas Scheff*. Recife: Ed. Bagaço; João Pessoa: Edições do GREM, 2016.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no*



novo capitalismo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. As singularidades do bairro na realização da cidade. Geografares, v. 1, n. 1, p. 109-116, jun. 2000.

SIMMEL, Georg. How is society possible? American Journal of Sociology, v16, p. 372-391, 1910/1911.

\_\_\_\_\_, Georg. Das Problem der Soziologie. Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. 1º Auflage. (p.1-31). Berlin: Duncker & Humblot, 1908.

THOMAS, William Isaac; Dorothy Swaine Thomas. The child in America: Behavior problems and programs. New York: Knopf, 1928.